



# PRO-VIMARANE



QUINZENARIO DEFENSOR DOS INTERESSES DA CIDADE E CONCELHO

Editor, B. FARIA MARTINS. Director, DR. JOÃO O. BASTOS Adm.-Delg., JOÃO S. S. RIBEIRO.

Propriedade da Empresa "PRO VIMARANE,"

Redacção e Administração: R. Republica, 24

COMPOSTO E IMPRESSO NA "TIPOGRAPHIA LUSITANA, R. GRAVADOR MOLARINHO, 47 GUIMARÃES

## TERRA INDESTRUTIVEL

Os interesses legítimos e os sacratíssimos direitos de Guimarães  
contra as ambições e os propósitos  
inconfessáveis de alguns aventureiros

### Resposta à letra ao sr. ANTÓNIO DE CÉRTIMA

**Um relatório parcial - Guimarães e o sr. Cértima - A guerra de Alecrim e Mangerona  
Primeira mentira de Sua Excelência - Uma insinuação de Sua Excelência - Uma "saída,"  
em que S. Excelência "entra," mal... - O "inventário dos valores riais," - Os "velhos  
agravos,"... - Mais mentiras - Os rendimentos e as contribuições de Vizela - Mais men-  
tiras - A atitude de várias freguesias - Concluindo - Valor rial do depoimento de Cértima**

«O momento em que entramos, por graça de Deus e das armas portuguesas, que ainda são de boa tempera, não é de biocos, de propósitos surdos e inconfessáveis. Tudo se deve tornar claro. Urge dar a cor branca aos vocábulos. Claridade! Claridade! Claridade!...»

(Palavras do arrasoado do nóvel escritor António de Cértima, inserto no jornal «Portugal», de 1 de Dezembro).

«O sr. António de Cértima, criatura fadada por Deus para ser autor ou protagonista de epopeias malditas, foi, há tempos, encarregado pelo Governo de vir até aos povos do Norte ouvir-lhes as aspirações e julgar dos fundamentos e razões delas. Devia ter vindo animado dos melhores propósitos, certo das responsabilidades que lhe advinham de tal encargo, disposto necessariamente a fazer um relato imparcial e cuidadoso de tudo quanto observasse e de tudo quanto lhe fôsse dito.

«Passou S. Ex.ª por Guimarães como gato por brasas. Não ouviu aqui pessoa alguma que pudesse elucidá-lo, informá-lo, contribuir com quaisquer elementos para fazer o seu relatório. Limitou-se a cumprir, protocolarmente, o sr. Administrador do Concelho, e nada mais.

«Pois, com espanto nosso, acabamos de ver no jornal «Portugal», órgão officioso da actual situação política, o relatório por S. Ex.ª feito em termos tais e com tal facciosismo que, muito legitimamente, pode qualquer pensar ter sido elle escrito com manifesta má-fé.»

Estas palavras foram escritas por nós no último número do nosso jornal, numa pequena local, sob a epigrafe «Relatório parcial». Que elas são profundamente justas, que em nada podem ser consideradas caluniosas, é o que vamos demonstrar irrefragavelmente, certos de que fazendo a pres-

tamos, uma vez mais, um serviço à nossa Terra e à Verdade.

Em meia dúzia de palavras, claras e precisas, e antes de entrarmos na análise do longo e estirado arrasoado do sr. Cértima, esta afirmação cuja responsabilidade, em todos os campos e em tôdas as situações, sabemos manter, e que plenamente vamos justificar:

— O relatório, artigo ou o que quer que é do sr. Cértima, é parcial e mentiroso — parcial porque foi elaborado tendo sido ouvidas as razões (?) de uma só parte; mentiroso por se fundamentar em elementos e em dados numéricos que, totalmente uns, em grande parte outros, não correspondem à verdade.

#### Guimarães e o sr. Cértima

Não sabemos se haverá em Guimarães quem conheça pessoalmente o sr. Cértima ou quem tenha tido o raro, o doce, o gratíssimo prazer espiritual de ler as suas muitas e valiosas obras. Não sabemos. Do que estamos absolutamente certos é de que nenhum vimaranense, quer do sr. Cértima haja notícia ou não, será capaz de zangar-se com o depoimento por S. Ex.ª feito.

Guimarães nem gosta nem desgosta do seu depoimento. Repele-o inteiramente, não por ser lesivo dos seus interesses, mas exclusivamente porque é mentiroso e parcial. Não podia, de modo algum, o depoimento de S. Ex.ª ter duas faces? Fizesse-o de uma face só, mas de forma que a face ficasse limpa e bem clara.

Se não há nas suas palavras paixão sectarista nem intenção malévola para com a arcaica e gloriosa cidade do Fundador de Portugal, como se explica que S. Ex.ª as tenha escrito sem ou-

vir em Guimarães quaisquer pessoas que pudessem informá-lo, que contribuíssem para melhor o elucidar, tendo ouvido apenas aquelas que tinham todo o interesse em expôr-lhe os factos menos verdadeiramente, omitindo-lhe elementos e falseando-lhe os dados?

S. Ex.ª manchou a claridade das intenções e traiçou conscientemente a sua missão. Tenha S. Ex.ª paciência se isto é duro de roer, mas já lhe vamos demonstrar que é rigorosamente exáto.

#### A "Guerra de Alecrim e Mangerona,"

Apóz ter designado a questão da criação do concelho de Vizela como uma «querela já célebre entre as duas localidades», o sr. António de Cértima, a certa altura do seu escrito vai mais longe e designa-a por esta forma pitoresca: «Guerra de Alecrim e Mangerona». Nada menos, — e como amostra de espírito não pode dizer-se que seja mesquinha...

Entre Guimarães e Vizela não há, verdadeiramente, uma querela nem tampouco uma guerra. Entre Guimarães e Vizela não há nada. Há uma querela já célebre; há uma guerra violenta, sim, mas entre Guimarães e aquelas pessoas de Vizela que, inconscientemente umas, e de má-fé outras, levantaram uma questão irritante e infundamentada, questão que, a ser resolvida em seu favor, em nada beneficiava os vizelenses, antes em muito os prejudicava, como já superabundantemente se tem demonstrado em representações levadas junto dos Poderes Públicos.

Guimarães tem nessa já célebre querela, nessa guerra, defendido, mais ainda do que os seus interesses, os interesses dos vizelenses. E os vizelenses de boa fé, e os vizelenses que não se deixam

ram levar no engodo das palavras mentirosas e dos cantos de sereia dos que à sua custa procuram arranjar-se, hão-de ser os primeiros a reconhecê-lo, a constatá-lo...

Guimarães defende o seu bom nome, as suas tradições, os seus direitos, a sua «unidade» administrativa há longos séculos intangível; Vizela não defende cousa alguma; defendem, sim, alguns vizelenses esta cousa simples e humana, e tam em voga nestes tempos de «caracteres de meia-tintá, monotonos, escorregadios»:—o seu apetite devorador.

Os direitos de Vizela, os interesses de Vizela. Os direitos de Vizela todos lhes reconhecemos. Os interesses de Vizela sempre lhes temos dado satisfação, sempre por eles temos pugnado. Mas o caso não diz respeito nem aos direitos nem aos interesses de Vizela: diz respeito ao tal apetite devorador...

E quanto à guerra entre Alecrim e Mangerona» temos dito...

#### Primeira mentira de Sua Ex.ª

Porque entendesdes S. Ex.ª que tanto dum arraial como de outro, na «Guerra de Alecrim e Mangerona», a confusão, a mesma indecisão lavrava, começando a assaltar os propósitos dos primeiros momentos, resolveu, sem demora, fazer o seu depoimento, a vêr se ainda chegava a tempo de estabelecer a ordem, indicando a justiça. Seria possível, respeitando os propósitos...

Palavras de Cértima:

«Estive em Guimarães. Ouvi os interessados, palpei as armas com que esgrimiam, conheci as razões que os arremessavam para o combate tremendo, para um grande combate de palavras onde algumas belas flores de rétrica tinham já morrido...»

públicos». «Estudei mais a questão. Conheci o valor da cidade, a sua indústria enorme, o seu desafogo comercial e moral, todas as suas possibilidades».

Mentira! Obscuridade! Obscuridade! De todas estas frases bombásticas uma só é verdadeira: António de Cértima esteve em Guimarães. Para ouvir os interessados? para palpar as armas? Que interessados ouviu Sua Ex.<sup>a</sup>?

Já atrás o dissemos, já foi dito no nosso último número:— Cértima não ouviu, em Guimarães, qualquer pessoa que pudesse dar-lhe elementos para imparcialmente redigir o seu relatório e informar quem o mandou até cá. Cértima limitou-se a cumprimentar, protocolarmente, o sr. Administrador do Concelho, e nada mais. Nem mesmo era o sr. Administrador do Concelho pessoa indicada para ser ouvida sobre a questão. O sr. Administrador do Concelho, como autoridade administrativa, não poderia fazer outra coisa ao sr. Cértima que não fosse o dar-lhe todas as facilidades para se desempenhar da missão que cá o trouxe. Se o sr. Cértima tivesse manifestado ao sr. Administrador do Concelho o desejo de ouvir os interessados, de palpar as armas, o sr. Administrador não deixaria, por certo, de o apresentar aos interessados, e estes da melhor vontade lhe mostrariam as armas...

Se algumas razões, se alguns dados Sua Ex.<sup>a</sup> pode ter sobre o valor da cidade, a sua enorme indústria, o seu desafogo comercial e rural, as suas possibilidades, essas noções e esses dados, colheu-os certamente, nas estatísticas, se é que algumas viu e não fala exclusivamente de ouvido. Não viu, não observou as nossas fábricas, as nossas oficinas.

Poderá conhecê-las por fotografias. Foi de longe, talvez de óculo em punho, que Sua Ex.<sup>a</sup> pressentiu «com nitidez», o domínio da máquina.

Mais palavras de Cértima:

«Finalmente, como fecho notável das minhas anotações, constatei, atônito, sobre um exemplar da Estatística da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, do Ministerio das Finanças, que só Guimarães, na verba referente a impostos de transacção, paga ao Estado muito mais que todos os concelhos juntos do distrito a que pertence, incluindo Braga!»

E depois? Que tem isto... com a questão do Brazil?

Porque é próspera a vida económica de Guimarães, porque a sua indústria e o seu comércio estão florescentes, porque Guimarães tem, como poucos concelhos do país, capacidade para poder, mesmo desprovida totalmente do auxílio do Estado, seguir no caminho glorioso e seguro que sempre tem trilhado, é isso razão para qualquer, mesmo que tenha a luminosidade de espírito do sr. Cértima, justificar a sua desmembração, procurando destruir o que é grande precisamente porque foi construído pelo esforço de todos os seus elementos componentes?

A constatação que S. Ex.<sup>a</sup> fez, atônito, sobre um exemplar da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, não vale, pois, como argumento justificativo da criação do concelho de Vizela. Falhou nisto a reflexão de S. Ex.<sup>a</sup> Pena é...

«Como significado da sua estúpida capacidade mercantil, esta revelação é expressiva».

Não há dúvida. No meio de tantas mentiras, de tanta má fé, constatamos que se salva esta revelação!...

### Uma insinuação de Sua Ex.<sup>a</sup>

Após uma mentira, uma insinuação... A «reportagem imparcial, mais documental que noticiosa», feita pelo sr. Cértima, padece, na sua quasi totalidade, destes defeitos mínimos:— é mentirosa e insinuante. Insinuante, no pior sentido, é claro; insinuante, porque *insinua*, e *insinua* malévola, fazendo crer a quem o lê que nos animam, a nós e a todos os vimaranenses, propósitos políticos.

Transcrevemos:

«Averigüei mais. Fui até às palavras a fim de medir a idoneidade do problema. E abri todos os jornais onde a escaramuça fremia.» «Duma não me esqueci eu, onde, em editorial de palmo e meio—para mais não sobrava o formato do periódico—a ameaça saía fora de Vizela e extravasava pelo continente—ia mesmo até Lisboa contando com *novos dias* (que viriam breve) para castigar Vizela, se porventura a Ditadura Militar ousasse agora desgostar Guimarães».

Muito más meças fez o sr. Cértima quando, levado pelo seu seu nobilíssimo intuito de ser imparcial e justo, quiz tomar perfeito conhecimento da «*idoneidade do problema!*»

Pois bem:— pedimos meças!...

Meçamos. Lidos todos os jornais onde a escaramuça fremiu, como pôde S. Ex.<sup>a</sup> ver aquilo que quiz insinuar? Onde viu ameaça que saísse fora de Vizela, que extravasasse pelo continente, que fosse até Lisboa, contando com novos dias para castigar Vizela, se porventura a Ditadura Militar ousasse agora desgostar Guimarães?

«Pro Vimarane» é um jornal feito exclusivamente para defender Guimarães, para pugnar pelos seus interesses, pelos seus direitos, pelas suas tradições, por tudo quanto represente um valor e uma actividade considerável nesta terra. Colaboram no «Pro Vimarane» meia dúzia de rapazes de boa vontade e animados dos mais nobres e elevados intuítos que procuram sempre, em todas as circunstâncias, mesmo quando porventura tenham de em seus escritos ser violentos, manter bem alto e bem puro o prestígio da terra porque se esforçam e por cujo bom nome fazem, e sempre farão, os mais enérgicos esforços.

A política não entra neste jor-

nal, e por isso mesmo todos temos, politicamente, opiniões próprias e divergentes.

Mas não falêmos só de nós.

Falemos de todos os nossos colegas.

Nenhum jornal de Guimarães, quer em simples sueltos quer em artigos neles insertos sobre a pretendida criação do concelho de Vizela, se exprimiu de forma que possa qualquer pessoa de boa fé, interpretando-os, concluir dêles alguma coisa, por mais vaga que seja, que represente intuito político, e muito menos queira significar a insinuação de que nada poderia ter acontecido se a Ditadura Militar não nos governasse.

Na «Guerra de Alecrim e Maugerona» a política nunca foi posta ao serviço dos interesses de Guimarães.

Se alguém há que dela tenha lançado mão, esse alguém está do outro lado. Procure-o S. Ex.<sup>a</sup> entre os que tão festiva e carinhosamente o receberam...

Temos até aqui, além do mais, uma mentira e uma insinuação. Para depoimento sem paixão sectarista e sem intensão malévola, já é... Ou não?...

### Uma «saída», em que Sua Ex.<sup>a</sup> «entra», mal — O «inventário dos valores reais»,

Após ter dito mentirosamente, como já foi demonstrado, que ouviu aqui todos os interessados, lhes palpou as armas e conheceu as razões que os arremessaram para o «combate tremendo», S. Ex.<sup>a</sup> afirma o seguinte: «Saí de Guimarães com a promessa de lá voltar».

Mas não voltou... E querem saber porquê?

Saíu S. Ex.<sup>a</sup> levado por um auto que «rodou por uma linda

alameda plissada de fôlhas doentes a que a chuva e o Outono comunicaram uma dolência confrangedora de verso de Nobre, esmagado sobre a vertigem dos Michelins», e, depois de ter batido à «aldraba da moradia roqueira» de Raúl Brandão, com quem passou 5 horas dum «regalo exquisito», entrou em Vizela. E diz S. Ex.<sup>a</sup>:

«Entrei em Vizela e, muito acima de qualquer suspeita que me pudesse ser comunicada, o que os meus olhos viram constituiu desde logo um argumento de tal maneira dominante que imediatamente desisti de voltar à cidade do Conquistador. Porque digam o que disserem, aceiem a fogueira seja de que lado for, que a única verdade é esta: só negará justiça a Vizela quem não conhecer a sua privilegiada e notabilíssima povoação».

Há no depoimento de Cértima, além das mentiras, insinuações e o mais, alguns pontos obscuros a que é necessário dar claridade! claridade! claridade!

Esteve S. Ex.<sup>a</sup> em Guimarães antes ou depois de ter estado em Vizela? Do seu arrasoado deprende-se, ou nós então não sabemos ler, que S. Ex.<sup>a</sup> esteve aqui antes de ir a Vizela. Prometeu voltar e só não voltou porque o que os seus olhos viram constituiu argumento fulminante contra Guimarães.

Ora nós podemos afirmar, sem receio de desmentido, que S. Ex.<sup>a</sup> esteve em Guimarães depois de já ter estado em Vizela. A que vem, pois, a história lírico-patética do argumento dominante que imediatamente o fez desistir de voltar à venerável cidade do Conquistador?

Imediatamente?! De fulminantes impressões é o sr. Cértima suscetível... Mas a coisa tem fá-



TEMPLO DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA

cil explicação: O sr. Cértima, tendo reconhecido a tremenda *gaffe* que praticou não ouvindo nem procurando ouvir qualquer pessoa de Guimarães que sobre a questão lhe fornecesse elementos, resolveu sair-se da dificuldade *entrando* connôco, pois outra coisa não é senão querer *entrar* connôco o afirmar que deixou de vir a Guimarães porque, chegando a Vizela, logo, *imediatamente*, o que os seus olhos viram o levou a tomar tal resolução...

E que extranho, que grandioso, que extraordinário espectáculo foi êsse que os olhos de S. Ex.<sup>a</sup> viram?

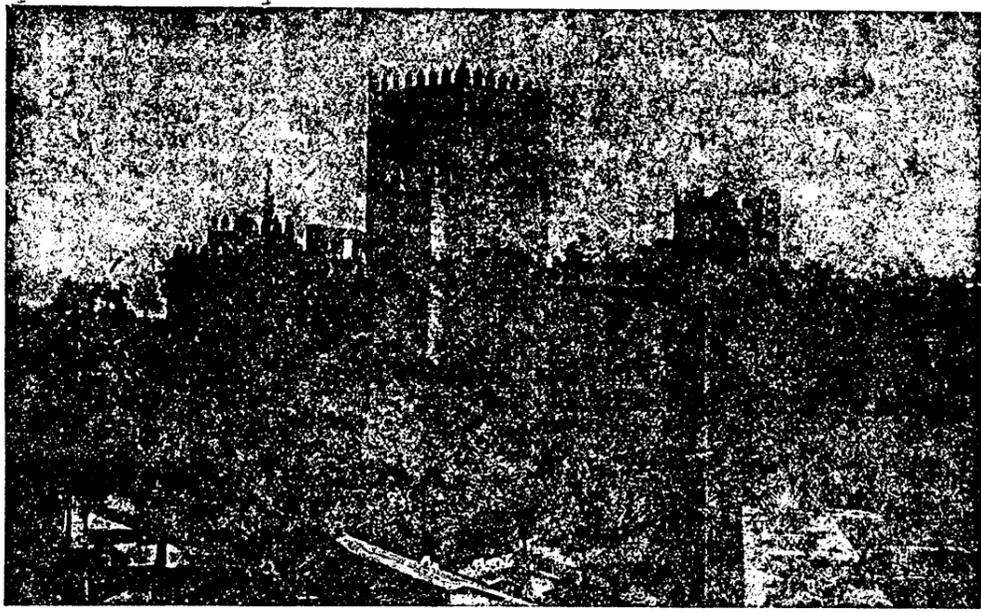
Todos nós, muitíssimo melhor do que o sr. Cértima, conhecemos a «privilegiada e notabilíssima povoação». Como nós a conhecemos igualmente alguns milhares de pessoas que teem frequentado e frequentam as termas. De resto, nunca por parte daqueles que negam a Vizela o direito e a capacidade para se tornar sede de um concelho foi empregado qualquer argumento que de longe significasse menos consideração ou menos admiração pelas suas belezas naturais. Não é a beleza, por mais impressionante e grandiosa que ela seja, de qualquer povoação que pode dar a essa povoação o direito de se constituir em núcleo principal duma divisão administrativa. Deve-o saber o sr. Cértima tam bem como nós...

Para defender Vizela, para agradecer às criaturas que lá o receberam, que bem o trataram e que... o transtornaram, escusava o sr. Cértima de nos vir dizer que «os elementos numerosos, ricos, que concorrem para a vida desta povoação» asseguram-lhe «uma actividade de tal maneira notável e um tal grau de importância urbana que a colocam muito acima de várias cidades do país». Nem oito, nem oitenta...

Ver a importância urbana de Vizela, *no inverno*, já é ter olho!...

A não ser que S. Ex.<sup>a</sup> fôsse ludibriado, iludido na sua boafé, com uma *mise-en-scene* arajada *ad-hoc* para lhe impressionar os olhos e transtornar os sentidos...

E agora, algumas palavras acerca do «inventário dos valores riais de Vizela» feito pelo sr.



CASTELO DE GUIMARÃES

Cértima: tirando os cinco grandes hotéis, os onze restaurantes, os tres casinos e os dois cafés (e aqui mesmo... «há lápis»...), que teem vida sómente na época termal, estando fechados durante todo o resto do ano, os valores riais de Vizela são tantos e tão avultados como os valores riais de qualquer terra medianamente desenvolvida. De resto, o «inventário dos valores riais» é mentiroso. S. Ex.<sup>a</sup> não viu o que numerou. O «inventário» foi lhe metido ao bolso. S. Ex.<sup>a</sup> limitou-se a copiá-lo tal como lho entregaram, e nada mais...

**Os «velhos agravos»**

Após a exposição do «inventário dos valores riais», S. Ex.<sup>a</sup> conclue, ufano de si e muito certo de ter convencido os que o lêem: — «Está neste enunciado, explícito esimples, a justiça das suas aspirações de desanexação». A justiça das aspirações de desanexação, porém, não se demonstra sómente por isso, mas porque «Vizela tem ainda as sua queixas fortes.»

O velho, o velhíssimo e jã mais que contraditado argumento!... «De Guimarães nunca veiu nada» — diz ainda Cértima. Mentira! Guimarães sempre tem dado a Vizela, dentro das possibilidades de que

dispõe, tudo quanto Vizela tem precisado para o seu desenvolvimento e aformoseamento. O sr. Cértima peca aqui, como em tudo o mais, por ter ouvido exclusivamente aqueles cujo interesse não poderia ser outro senão o de deturpar os factos, dando-lhes um colorido que êles jámais tiveram.

«Velhos agravos»... poderia tê-los Guimarães se tomasse uma parte pelo todo, se desse importância tal aos aventureiros que fingidamente pugnam por interesses inexistentes que os considerasse representantes legítimos das aspirações de Vizela...

A «velhice inconsolável de Guimarães» jámais se irritou com a «formosura excessiva de Vizela»...

Sempre a mentira...

**Mais mentiras. Os rendimentos e as contribuições de Vizela**

Fala Cértima:

«As contribuições gerais com que concorre para os rendimentos municipais de Guimarães orçam por 180 contos...»

Mentira:—Vizela concorre para os rendimentos municipais de Guimarães com qualquer coisa

que anda à volta de 60 contos. Mais de Cértima:

«Conta Vizela com recursos suficientes para se administrar? Pode assegurar vida própria?» Pode viver, na verdade, e com um desafogo largo. Vizela conta com as seguintes fontes de receita: — Contribuições pagas até hoje a Guimarães, 260 contos; rendimentos provenientes do turismo local, 70 contos...

Mentiras:

Aos fantásticos 180 contos juntou Cértima, para prefazer o total de 260 os 80 contos em que computa o valor das contribuições pagas pelas freguesias que pretendem anexar-se a Vizela. E que freguesias? Di-lo êle, mais abaixo, e, como sempre, mentirosamente, como se verá.

Quanto aos rendimentos provenientes do turismo local, que Cértima diz atingirem 70 contos, será bom elucidar-se que esta cifra não respeita ao rendimento anual, mas sim à acumulação de somas anteriores. O rendimento anual do turismo em Vizela é qualquer coisa como 30 contos.

...Eis o que acontece a quem faz somas com números inventados...

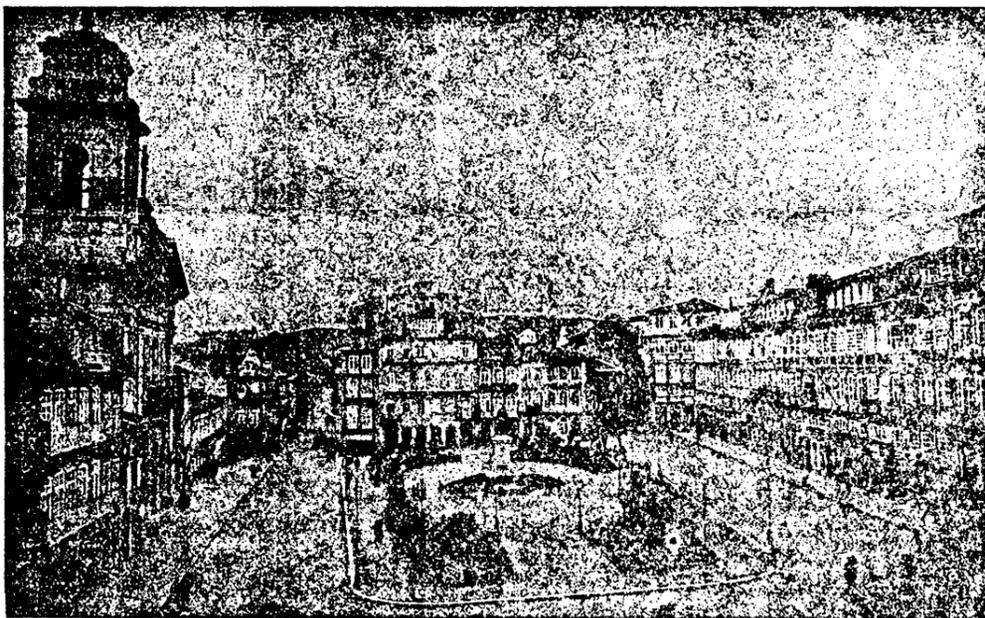
Vida própria?!...

**Mais mentiras. A atitude de de várias freguesias**

S. Ex.<sup>a</sup>, depois dè em Vizela sentir, em seus olhos, aquela impressão fulminante que o fez desistir da ideia de voltar a Guimarães, foi «auscultar o coração dos arredores»...

Depois de apontar, referindo-se à população de Vizela, numa cifra falsa como Judas, diz Cértima:

«Mas estes elementos de vida não serão até certo ponto suficientes se não forem consolidados, moral e materialmente, pelo apoio das freguesias limitrofes que pretendam anexar-se. Esse apoio está já assegurado, como se vê pelas citações feitas atraz. Ademorem à anexação as freguesias de Tagilde, Infias, Nespereira, Gandarela, Guardisela, S. Martinho do Conde, Moreira de Campos (*alias «de Conegos»*) e Lordelo».



PRAÇA DE D. AFONSO HENRIQUES

Várias mentiras num pé só:

Das freguesias por Cértima enumeradas como desejando anexar-se a Vizela, há *só estas* que, desde há muito, fizeram a declaração perentória e cabal, por quem de direito e a quem de direito dirigida, de que de modo algum desejavam desanexar-se de Guimarães: Tagilde, Nespereira, Guardizela e Lordelo. Oito menos quatro igual a quatro.

Temos, pois, que Vizela conta somente com quatro freguesias; e conta somente com essas quatro porque nem sequer deseja, *por agora*, as de S. Faustino e S. Paio... Diz Cértima:

•Ha ainda as paróquias de S. Faustino e de S. Paio que pretendem anexar-se a Vizela mas que, por parecerem já ao districto do Porto, foi resolvido não lhes aceitar por agora a participação no movimento».

Sem comentários...

**Conclusão. — Valor rial do do depoimento de Cértima**

E basta. Vai já longa demais a resposta à letra ao sr. António

de Cértima. Respondemos-lhe, não por êle, não por termos em conta a sua personalidade—e isto sem querer diminuir lhe o vulto—mas porque S. Ex.<sup>a</sup> veio até cá como *delegado do Govêrno*.

O seu depoimento merece consideração por isso, e só por isso. Se S. Ex.<sup>a</sup> o fizesse como jornalista fantasioso e de largos recursos literários, nem sequer dêle nos ocuparíamos. Porém, S. Ex.<sup>a</sup> êf-lo com o intuito de fornecer elementos que habilitassem o Govêrno a decidir a questão da criação do concelho de Vizela, a tal «querela já célebre entre as duas localidades», a «Guerra do Alecrim e Mangerona»...

Cremos, em consciência, que o refutamos inteiramente. A situação do sr. Cértima é exatamete igual à de um homem que procede de má fé. Tal não teria acontecido se S. Ex.<sup>a</sup> se comportasse como devia, como lhe impunha imperiosamente a sua qualidade de delegado do Govêrno.

*Valor rial do depoimento de Cértima*: ZERO. Porquê:

— *Não ouviu, não viu, não observou em Guimarães*

*quaisquer elementos que pudesse confrontar com os que falsamente lhes foram indicados em Vizela, arredando-se totalmente da verdade quando afirma que ouviu aqui os interessados, lhes palpou as armas e conheceu as razões que os arremessavam para o "combate tremendo,"*

— *E' inconsequente e ilógico na quasi totalidade das suas apreciações e deduções.*

— *Pretende malevolamente insinuar haver intuitos políticos da parte daqueles que se tem oposto às ambições de alguns vize-lenses.*

— *Toma como verdadeiro um "inventário de valores*

*riais, que está muito longe de corresponder à rialidade.*

— *Refere-se a "velhos agravos, que só existem na imaginação das pessoas que o iuformaram.*

— *Os dados numéricos que cita estão inteiramente falseados.*

— *Procura tirar partido da atitude de freguesias que sempre tem manifestado o vivo desejo de se conservarem fazendo parte do concelho de Guimarães.*

O depoimento de Cértima foi publicado. Todos o podem ler, todos o podem analisar. Ninguém, por certo, lendo-o, analisando-o, deixará de concluir o que nós concluimos.

**E hoje, como sempre:**

**Pro Vimarane!**